

OS INDIVÍDUOS E SEUS BICHOS NA CIDADE DE BRASÍLIA¹

INDIVIDUALS AND THEIR ANIMALS IN THE CITY OF BRASÍLIA

João Vicente R. B. C. Lima²

Recebido em: Setembro/2008

Aprovado em: Janeiro/2009

RESUMO

O presente artigo aborda o fenômeno da criação de cães em Brasília e do tipo humano construído designado por “sujeito criador de cães”. Para isso, são considerados os processos de racionalização sobre outras experiências porque a compreensão que o sujeito criador tem da qualidade da relação com seu cachorro é indissociável das situações vividas em outros campos do agir e que o faz construir para si uma teoria englobante do real a partir dos balanços que realiza de suas situações vividas. Apesar destas vivências se referirem a determinados aspectos da vida social distantes da experiência mais localizada das dedicações ao cão, mantém, com esta experiência, profunda correspondência, porque compõem uma unidade cognitiva e representacional para o ator social.

Palavras-chave: Racionalização; Homem-Natureza; Representação.

ABSTRACT

The present article approaches the phenomenon of dog breeding in Brasília and the constructed human type designated by “dog breeder subject”. For that, we considered the processes of rationalization on other experiences because the comprehension that the breeding subject has of the quality of the relation with his dog is unseparable of the situations lived in other fields of acting and that make him build for himself an embodying theory of the real from the balances that he realizes of his lived situations. In spite of these life experiences refer to determined aspects of the social life, distant from the more localized experiences of the dedication to his dog, they maintain, with this experience, profound correspondence, because it composes a cognitive and representational unit for the social actor.

Keywords: Rationalization; Man-Nature; Representation.

I - INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o fenômeno da criação de cães em Brasília e do tipo humano construído designado por “sujeito criador de cães”. Para isso, são considerados os processos de racionalização sobre outras experiências porque a compreensão que o sujeito criador tem da qualidade da relação com seu cachorro é indissociável das situações vividas em outros campos do agir e que o faz construir para si uma teoria englobante do real a partir dos balanços que realiza de suas situações vividas. Aonde vier a investir sua energia emocional, seu tempo e recursos materiais, quer seja na família, no trabalho, em espaços de sociabilidade diversos, enfim, de tudo isso retirará

¹ O presente artigo é um fragmento da Tese de Doutorado intitulada “Novas Formas Relacionais, Valores Ambientais e Reestruturação do Conjunto da Vida: os indivíduos e seus bichos na cidade de Brasília” defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, no ano de 2002.

² Doutor em Ciência Política. Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da UFSM. Professor do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM. E-mail: jvcostalima@gmail.com.

uma imagem geral da ordem dos eventos, das prioridades para seus investimentos futuros pelas inclinações de seu coração. Apesar destas vivências se referirem a determinados aspectos da vida social distantes da experiência mais localizada das dedicações ao cão, mantém, com esta experiência, profunda correspondência, porque compõem uma unidade cognitiva e representacional para o ator social. Em cada cena interativa presente, o agente social traz consigo uma teoria cotidiana sobre a ordem das coisas que traduz a sedimentação de experiências passadas e que lhe vão alargando a compreensão de inúmeros eventos e processos envolventes.

As teorias de Giddens e Schutz constituem a base da interpretação das variáveis sociológicas que engendram este tipo de experiência humana. A teoria de Giddens admite que a sociedade não é a criação de sujeitos individuais, nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais continuamente recriadas pelos atores sociais através dos próprios meios pelos quais eles se expressam como atores. Em suas atividades, e através destas, os agentes reproduzem as condições que tornam possíveis essas atividades. Se aceita como uma qualidade inerente da ação humana, a habilidade do ator para entender sua ação no tempo de sua realização, no fluxo cotidiano da vida. A manifestação dessa capacidade no plano discursivo mostra-se parcial e relacionada com um nível de consciência prática, entendida como o conhecimento das técnicas do “fazer”, e que não especifica todas as situações com as quais um ator poderá se defrontar, mas a capacidade genérica de reagir a uma gama indeterminada de circunstâncias sociais e de influenciá-las.

Da atividade cotidiana se devem colher os itens fundamentais à compreensão das estruturas sociais, ao mesmo tempo em que operam os mecanismos psicológicos geradores de confiança e segurança ontológica fundamentais à consolidação dos vínculos essenciais com respeito às pessoas e às instituições. Nas coisas do dia-a-dia, no manuseio dos objetos, nas disposições e carga afetiva empregada, fixam-se nos agentes suas apreciações e convicções sobre os resultados ótimos obtidos que, colados às suas representações do mundo, fazem-no real.

A teoria de Schutz explora a construção de hierarquias de interesses, zonas de relevância segundo as dimensões dos problemas práticos a serem resolvidos e dos projetos de ação. São problematizados os limites e possibilidades de compreensão e controle pelo sujeito criador de cães, das variáveis históricas organizadoras de seu agir, estejam ou não no campo de seus poderes conscientes.

A ação de criar um animal doméstico é relevante porque é uma experiência de significado subjetivo que afeta a realidade exterior, delimitando aspectos da rotina, com extensão para o conjunto das ações do sujeito criador. Das coisas que aprova ou daquelas às quais se dirige com restrições, há apenas uma vida a viver, num tempo corporal sem retornos. Nas escolhas que valoriza, dá-se a fixação de um espaço que absorve os esforços e tempo vivido. Nas escolhas que faz, restringe sua participação em outras experiências. A experiência ganha ares de projeto pré-concebido com desdobramentos no plano do fazer diário. As teorias a respeito da personalidade canina, dos outros humanos e dos problemas postos na esfera pública, não são mero devaneio do indivíduo criador. Este agirá de posse do diagnóstico feito sobre a totalidade da vida de forma a afetar o mundo social, guiado por seu projeto e motivado por realizar o estado de coisas projetado. A interpretação da relação dos seres humanos com animais domésticos busca apreender os significados atribuídos pelo sujeito criador a esta sua prática e dos elementos de significados que invadem os pequenos espaços interacionais vividos, servindo-lhe ingredientes de sentido à composição que faz de seus projetos.

Quando Schutz sublinha que é o sistema de nosso interesse prático ou teórico que, num momento, determina o que é problemático e o que pode permanecer inquestionável, aponta para uma capacidade cognitiva humana que impede certas generalizações e reducionismos sociológicos, segundo os quais o sujeito teria, para todo o sempre, que confessar as mesmas razões para as mesmas dores. No mundo mental do indivíduo não existe a coisa de um interesse isolado, mas de sua inter-relação com outros interesses, dentro de um sistema de interesses e projetos. Na vida diária, os fins projetados são meios dentro de um plano preconcebido e todos esses planos estão sujeito ao plano de vida, um plano mais geral, que determina os subordinados. Assim, o sujeito criador é agente ativo na intervenção no mundo e no entendimento dele, definindo parcialmente os ambientes em que se desenvolvem seus desempenhos em relação aos outros tipos humanos. O ambiente da casa guarda uma simbologia apropriada às representações do agente criador. Toda a força objetiva do mundo que se apresenta e se impõe ao sujeito criador na cena pública não o impede de formular, modificar e atualizar sua teoria da boa ordem das coisas e seus elementos simbólicos correspondentes.

Para o sujeito criador, sua prática dos cuidados e afetos dedicados ao cão de estimação inscreve-se dentre outras práticas que são parte da ordem das coisas no ritmo

cotidiano. O sentido destas práticas compõe, com outros elementos de significado, seu pensamento atualizado de porque as coisas são o que são e como são, com as aderências morais invocadas. Os objetos são delimitados e ele pode ver a si num conjunto no qual se situam outros tipos agindo em relação a ele. Sua “*teoria última*” da ordem das coisas é sempre confrontada com as realidades regulares e com as novas realidades de experiências vividas, servindo-lhe como código de referência para interpretar eventos passados e presentes, gerando-lhe as antecipações dos cursos futuros de ação.

O agir humano cotidiano das dedicações ao cão mostra como operam aspectos ricos da cognição, o que permite rever concepções deterministas que concebem o ator social vivendo em meio a um sem-número de elementos estruturantes relativos a um tema específico, como se um sujeito gastasse toda a sua vida — tempo e sonhos — num único campo da experiência humana. É preciso resgatar essa condição preciosa do ator operando em tempos marcados por possibilidades de interesses e soluções diferenciadas para os tantos problemas que se lhe advêm. Uma vez que o sujeito vive inteiro num mundo social e em suas instituições, pode-se afirmar que o sujeito criador não permanece a todo tempo inscrevendo a prática de criação do animal de estimação no topo das prioridades entre as demais experiências de grande valor. Tais prioridades vão sendo modificadas a todo instante, segundo os saldos das experiências vividas, segundo a reestruturação dos símbolos que o fazem seguir numa extensão de tempo e espaço. Essa postura é importante, porque impede conclusões unilaterais simplistas, do tipo “a criação de animais de estimação é a prática mais importante destes indivíduos”, em meio a outras práticas, fundando mesmo a realidade deste tipo excêntrico. Em verdade, esta é certamente uma prática entre outras, e, num determinado momento, pode assumir o destaque na condição de relevância principal, num tempo determinado. Mas, não se chegou à descoberta de um tipo que manterá a mesma hierarquia de interesses e relevâncias que apresenta no momento em que foi “tirada” esta fotografia do real, entre uma infinidade possível, de uma perspectiva entre tantas possíveis, com um alcance restrito e pretensões postas num horizonte analítico delimitado.

A sociabilidade da criação de animais domésticos revela uma forma de compreensão e releitura do mundo³ e se insere no processo complexo de reprodução do

³ A categoria *mundo* é de grande valia para o sujeito criador expressar seu entendimento da ordem das coisas. À crítica de um desgastante generalismo que assombra o conceito, o sujeito criador pode interpor seu argumento metodológico infalível: o que pode ver da realidade — com

conjunto da vida coletiva. Não se trata de uma imposição do conjunto da vida coletiva prescrevendo o roteiro de ação do indivíduo criador, nem, tampouco, ele funda uma nova realidade em meio aos seus impulsos e poderes. O ator não funda um mundo separado onde viva envolto em suas ações auto-suficientes, mas responde aos processos sociais que lhe impõem limites cognitivos e simbólicos, subjetivamente interpretados.

A prática dos cuidados para com o animal ganha a força da permanência, por apresentar uma ordem recursiva num conjunto de outras práticas sociais. O agente criador monitora essa prática entre outras, num ambiente intersubjetivo de ação, em um fluxo permanente de atividades. E, à idéia de que a prática de criar animais de estimação é verificável em um nível de competência dos agentes, é preciso acrescentar, também, suas incoerências e equívocos. Não está dado para o ator social um roteiro a seguir num grau tal de consciência a ser efetivamente realizado. O fluxo contínuo da ação é confrontado com as hesitações e excitações que vêm pelo caminho. Os resultados dos encontros nas realidades vividas num raio espacial mais próximo e/ou em níveis institucionais mais complexos são a condição permanente de reavaliação, reafirmação e reestruturação dos projetos de ação que traz consigo. É nesta cena rica que se inscrevem os níveis discursivos captados na pesquisa.

A “idiossincrática” prática de criação de animais domésticos contribui para a recriação constante de aspectos profundos do macromundo, a partir dos próprios recursos geradores da prática em seu espaço finito. A realidade diária dos afetos dirigidos ao cão alimenta os mecanismos psicológicos formadores de um senso de confiança nos sujeitos criadores, que, por sua vez, é condição imprescindível para a sustentação das atividades diárias, no âmbito operacional de uma consciência prática e discursiva, e da monitoração reflexiva que esta prática exige dos agentes sociais criadores. O estudo não se detém na interação criador-cão, como instância dialógica constitutiva da identidade.

Os níveis discursivos trabalhados almejam reunir um quadro de significados que legitimam uma atitude local, pelos interesses de investimentos intensos no pequeno reino, e também global, porque referido a um campo de representações mais ampliado em que se fecha o entendimento, com repercussões no plano do agir diário. O sujeito

os meios e o traquejo que tem — é mais que o necessário para emitir seu juízo sobre os “fatos”. Quanto à infalibilidade de seu método, não reconhece em todo o processo desvios que levem ao erro ou ao reducionismo.

criador dilui-se em meio aos desenvolvimentos de sua política de investimentos para o pequeno mundo e continua seu movimento pelos caminhos distantes das grandes formas institucionais. Não rompeu com elas, nem o pode fazer. Há uma corrente subterrânea conformadora das partes tensas do sistema. Encontram-se, assim, inteiros em suas migrações do pequeno para o macromundo.

No que se refere ao projeto de reconstituir as “teorias” dos indivíduos sobre as razões para os animais serem o que são, os tipos humanos fazerem o que fazem, o modelo busca combinar *i*) uma imagem que o indivíduo constrói do animal relativa à sua personalidade e outras características no plano relacional, com *ii*) uma teoria do tipo humano que é o “outro relativo à sua personalidade e à sua ética, incluso na geografia cotidiana da ação do sujeito criador, e *iii*) as representações dos indivíduos sobre a dinâmica do funcionamento das instituições públicas e políticas, partindo da compreensão sobre os indivíduos empíricos no desempenho de papéis, e sobre os produtos dos arranjos humanos nesse nível, para o futuro da vida coletiva num plano mais geral.

A interpenetração das esferas pode ser compreendida a partir das condições estruturadoras das cenas intersubjetivas que fundam desde as grandes formas institucionais até as pequenas, do “temeroso” mundo da política e suas instituições ao “pequeno reino” da casa e dos assuntos privados. Isto porque, do ponto de vista do indivíduo, o conjunto das experiências em que se vê envolvido é vivenciado como o impacto de realidades próximas, de formas de contato familiares pelo traço marcante de ser sua realidade sensível e imediata.

Os indivíduos que compõem o universo de análise não constituem um grupo com uma identidade social e espaço físico-cultural definidas, com uma corrente de propósitos convergindo para resultados desejados de acordo. Suas razões de ser tem origem em sua inserção em vários níveis institucional-interativos, e não apenas nos contatos de um grupo particular, o dos tais criadores de cães. Não quer dizer que não se constata o sentido para o agir para com o animal que tem sua matriz compreensiva em experiências vividas num grupo típico como este, pela força reguladora de seus estatutos, mas a escolha teórica e metodológica feita quis estabelecer outro lugar e nível de análise. E apesar dos indivíduos estarem fisicamente separados, inclusive porque não fazem parte de um mesmo grupo de sociabilidade comum, suas teorias da ordem das coisas no mundo e de si em interação com o cão, da natureza canina, da lógica de

funcionamento de seu mundo nas projeções que fazem, apresenta uma ordenação discursiva, um princípio de inteligibilidade comum que possibilita a avaliação de uma experiência de magnitude sociológica, e não apenas a manifestação de um certo particularismo mental.

A captação da representação dos indivíduos da relação com seus animais de estimação não tem um fim em si próprio — mas compõe parte de uma única equação do social. No que diz respeito às representações dos indivíduos, destacam-se: *i*) uma teoria a respeito da relação com o bicho de estimação, que fundamenta suas “razões para estar junto”, *ii*) uma teoria a respeito da natureza humana, que forma suas “razões para seguir estrategicamente”, *iii*) uma teoria das causas e conseqüências da vida coletiva em bases mais alargadas, dando inteligibilidade às “razões finais e verdades gerais acerca da vida coletiva e seu futuro”.

Importante ressaltar o caráter relacional de tais conteúdos: as “razões para estar junto” encontram-se articuladas com as “razões para seguir estrategicamente”, bem como com as “razões finais e verdades gerais acerca da vida coletiva e seu futuro”. A lógica de inteligibilidade e determinação hierárquica não possui uma configuração estática, articulando conteúdos sem que se possam identificar proposições causais. Em uma perspectiva compreensiva são constatados os conteúdos, seus níveis de inserção na hierarquia mental dos indivíduos e seus desdobramentos nos níveis relacionais, dos mais circunstanciais aos mais genéricos. Mas são informações que retratam uma teoria geral que os fazem “seguir adiante” rotineiramente.

Os indivíduos entrevistados não apresentam as mesmas razões literais a partir das quais foi construído um campo de representações correspondente ao fenômeno cultural estudado. Contudo, os conteúdos formadores desse universo de representações obedecem a um mesmo princípio lógico de inteligibilidade.

a) As “razões para estar junto” operam um tipo de relação que possui a seguinte caracterização geral: *i*) há uma estrutura intelectual, determinante e unilateral — o sujeito criador ao cão — fomentando as condições para a relação indivíduo/animal de estimação. Os animais são caracterizados a partir da relação de sentido para o indivíduo criador: as necessidades dos animais, suas qualidades e pequenos defeitos aparecem apenas relacionalmente, na condição de representarem algo *para* os seus donos; *ii*) aquilo que os indivíduos pensam sobre seus animais é indissociável daquilo que pensam dos seres humanos com quem desenvolvem relações; *iii*) os animais são

vistos como espécie semelhante e ao mesmo tempo distinta do gênero humano, de acordo com os interesses em jogo, num exercício permanente de aproximação e distanciamento pelas semelhanças de caráter (positivas e negativas) identificadas pelos indivíduos.

b) Quanto às “razões para seguir estrategicamente”: *i*) parte-se de uma visão tensa e crítica das formas convencionais de encontro e sociabilidade, tais como vizinhança, amizade, colegas de trabalho e mesmo família (em alguma medida); *ii*) o indivíduo identifica o sentido das ações dos outros em relação a si como predominantemente egoísta, e sua disposição repercute um senso de autopreservação; *iii*) em parte, a relação com o animal parece recuperar fórmulas e características relacionais esquecidas no árido mundo dos encontros e acordos humanos.

c) Nas “razões finais e verdades gerais acerca da vida coletiva e seu futuro”: *i*) os indivíduos indicam a instabilidade de certas instituições públicas, realçando a indiferença para com entidades coletivistas convencionais, como partidos políticos, sindicatos — além de entidades públicas de interesse público, como a justiça e a polícia; *ii*) a única ação política reconhecida é a individual: “aquilo que podem fazer no raio de sua ação, no curso de sua vida”; *iii*) vêm sua incursão na esfera pública como predominantemente instrumental; *iv*) os indivíduos não se sentem fazendo parte de um todo orgânico, ao mesmo tempo em que anseiam e projetam nessa direção. As razões finais tornam possíveis as pequenas ações do reino do cotidiano, porque estabelece os limites imaginados possíveis, correspondentes às verdades últimas sobre o justo, o honroso, o autêntico.

II - AS “RAZÕES PARA ESTAR JUNTO”

A condição do “estar junto” corresponde a um tipo de experiência qualitativa de grande importância para o sujeito criador, porque se refere aos encantos e confortos do mundo cotidiano que ainda podem subsistir, num regime político e moral determinado, na região delimitada da casa, em contraposição a um mundo exterior que foge de seus poderes prescritivos quanto à boa ordem das coisas. A experiência delineada do “estar junto” propicia ao sujeito criador a produção e o desenvolvimento de um estatuto do ser canino, onde se verificam desde formulações sobre a personalidade canina, até o delineamento de um regime jurídico de “direitos políticos” e garantias para o estabelecimento de um estado do bem-estar canino. A condição do “estar junto” gera

mecanismos avaliatórios que possibilitam ao sujeito criador promover um “balanço” dos projetos em curso, uma retomada dos sentidos atribuídos às suas inserções no âmbito das relações que estabelece com outros tipos humanos, nas formas institucionais as mais diversas, além de operar uma função cognitiva, pois permite ao indivíduo definir um objeto e o tipo de relação que estabelecerá com ele, além dos meios adequados a este fim projetado. No esforço de definição do que seja a relação com o cachorro de estimação, o sujeito criador faz uma analogia com a experiência da vida em família em toda a sua positividade, lembrando e associando eventos humanos em sua rica economia de afetos, capaz de alimentar a vontade e as ações com vistas à manutenção da prática de criação — é a percepção do cão como tendo as mesmas características psicológicas e cognitivas da criança no cotidiano das reivindicações, viabilizando uma outra dinâmica integradora e de identidade da família.

Outro esforço conceitual amplia o estatuto canino nas fórmulas de alteridade como amigo, destacável pela qualidade da sinceridade, apresentada, nesse contexto, como uma qualidade não humana: “Uma pessoa pode trair a outra; o cachorro não”. A questão em foco serve para identificar um tipo humano percebido a partir do saldo negativo no contato com o sujeito criador. Os indivíduos entrevistados nunca lançaram um olhar para um campo distante e exclusivo do agir canino — desconectado de sua visão de mundo e interesses práticos —, que inspirasse esta noção. Quando ressalta, portanto, uma qualidade não humana, a da fidelidade, pretende fundamentar ações ordinárias para manter a situação diária ao cão, com o retorno em bases esperadas: “*um filho pode trair um pai, mas o cachorro nunca vai trair*”. Se, num instante, o cachorro é tomado como um ser humano na qualidade de bebê, e, portanto, membro da família, num tempo análogo, ele tem uma característica valorizada por não ser humana, que é a do “não fingimento”. Esse movimento pendular de conceitos não se constitui num problema insolúvel, porque o sujeito criador mais que depressa apresenta as razões para esta dança de conceitos que serve para definir um projeto moral ao qual aderem, e traços de conduta que classifica como dignos estendidos até a personalidade canina.

A qualidade da relação para com o cãozinho se afasta das relações humanas baseadas no cálculo e na quantificação, onde os indivíduos atentam para as oportunidades de *superávit* e ficam sobressaltados diante das chances de *déficit* numa contabilidade dos afetos. O indivíduo assinala que os outros o pressionam a agir com base no cálculo egoísta na busca do equilíbrio das contas do dar e receber atenção e

afeto. A relação com o animal rompe com essa tendência, gerando a situação em que o indivíduo se vê seguro e sem impedimentos quanto aos investimentos maciços que fará, convicto como se encontra das vantagens e ganhos que certamente virão.

A vida canina ganha materialidade numa ordem cotidiana dependente do ritmo cotidiano humano e de sua extensão no universo das obrigações institucionais. A autonomia dos cães para o fazer é limitada, e acontece que as possibilidades de atingir níveis de satisfação adentram no universo dos afazeres humanos. E o sábado será o tempo para a satisfação das demandas caninas, ao mesmo tempo em que é o dia de descanso do sujeito criador de seus compromissos institucionais.

A sensação de “estar ao lado ou junto” torna-se fato sensível para o sujeito criador. O animal nada precisa dizer para gerar ânimo e consolo, e é entendido como um suporte para as dificuldades do mundo diário e disponível a todo tempo, tornando o cotidiano cheio de encantos, e o viver torna-se uma celebração. O cão acompanha o dono o tempo todo, ou seja, o descansar e o despertar canino prendem-se à força gravitacional da vida do sujeito criador, de seus motivos e ânimos. A vida canina em sua totalidade se inclina e se realiza nas atenções ao dono. Quando se fala que o animal só dorme quando o dono dorme, não se quer invocar meios coercitivos agindo sobre o cão, mas sim a sintonia entre a vontade e a ordem do viver do sujeito criador e o viver canino. A presença canina proporciona ao sujeito criador um tipo de relação diferente daquelas em que os sujeitos se propõem à consecução de objetivos comuns, como é próprio à dinâmica da esfera pública. No espaço-tempo da casa o cão é objeto de uma sociabilidade marcada puramente pelo estar junto. E a estabilidade desse relacionamento, em grande parte, está exatamente nisso: não se pretende reformar o mundo, mudar um outro humano próximo, nem lhe reclamar especial atenção de tratamento. O estar junto basta-se a si mesmo, fazendo com que o cotidiano seja condição e exigência que leva à qualidade essencial dessa sociabilidade: o reproduzir com segurança os pensamentos e emoções desse profundo lugar, e a estabilidade de suas experiências auto-suficientes.

O investimento feito na esfera da vida privada mostra indivíduos com capacidades, poderes e *status* diferenciados, para não dizer desiguais. Porque a ordem real das coisas nesse pequeno mundo dá-se pelo imperativo da vontade unilateral de um agente, o dono do cachorro. E, nessa esfera, a realidade do mundo (ou dessa parte do mundo) não se mostra tensa, instável, e o delicado tema da “reforma social” torna-se impróprio, pois não corresponde à “evidência” de uma ordem quase perfeita das coisas.

Aqui, portanto, se conhece a realidade política (no pequeno mundo) tornada estável não por processos dialógicos entre os atores, com seus recursos materiais e simbólicos díspares ainda que se enfatize a faculdade do agir racional do cão⁴. É um regime político segundo o coração. E o sujeito criador pode descansar na contemplação do mundo que é sua criação.

Por trás de toda obviedade aparente, são as pequenas grandes coisas vividas — das demonstrações de atenção e carinho exclusivo, por exemplo, — e feitas juntas no cotidiano, que forjam as teorias, mais que verdadeiras, a respeito dos objetos e seus significados, ainda mais pelos efeitos que provocam num certo estado de atenção, engendrando novas condições para o desenvolvimento das percepções e sentimentos humanos. No trato diário do cão e na percepção do dono nas atitudes do cão para consigo, vai-se tornando manifesta o sentido atribuído pelo sujeito criador a esta prática. E a condição do estar junto, e toda a energia emocional que faz fluir geram as teorias e programas racionais de ação.

As vivências do cotidiano, por vezes, são tomadas como trivialidades porque, diz-se, o homem é visto como um feixe de reações mecânicas e, quando muito, os minúsculos espaços cotidianos são fotografados desatentamente como o lugar de manifestação das esquisitices de classe. As precariedades nas análises das cenas cotidianas se mostram numa teoria da ação deficiente, onde o fenômeno da monitoração das práticas e cenários cotidianos é reduzido às conseqüências de um agir não reflexivo e, portanto, impossível de ser convertido numa ordem discursiva. Por este caminho interpretativo, torna-se difícil reconstituir todo o universo das representações dos sujeitos, identificando os aspectos de uma teoria do *self* em operação.

As coisas feitas pelo dono e as retribuições do animal ferem a opinião comum científica, segundo a qual o que é significativo, são os conteúdos resultantes de um ritmo reflexivo em grau máximo. É como se, a cada momento, trivial que seja, os indivíduos fizessem perguntas onde as respostas inequivocamente os remetessem à essência última das coisas. E, talvez, o que é mais incrível nas reflexões sobre o cotidiano, é que sua vitalidade tem pouco a ver com essa lógica de conduta de pensamento e seus resultados. O cozinhar, o comer, o tocar, o olhar, enfim, o maravilhoso reino — sob certa ótica intangível — dos objetos ao nosso redor, tão vitais

⁴ As referências a respeito do cão como agente, com supostas capacidades de racionalização e simbolização, estão circunscritas às representações do sujeito criador pelos seus motivos.

porque próximos, e tão esquecidos em suas relevâncias, firma não somente nossas primeiras impressões do mundo, mas nossa certeza da realidade e nosso envolvimento nela. E, num movimento, o cotidiano é a única realidade reconhecida e palpável que será o chão de onde o subterrâneo emocional e racional nos transformará no que somos. Assim, ganha outra dimensão o olhar e fazer recíproco sujeito criador-cão que gera contentamento e distinção, que é declaração de afeto na disposição assumida.

O ESTATUTO CANINO DA PERSONALIDADE E SUAS CONEXÕES COM OS PROPÓSITOS HUMANOS

É também das experiências típicas do dia-a-dia que os entrevistados extraem os fatos, provas e outras demonstrações para a construção de uma psicologia canina particular. Assim, em dado momento é destacada a qualidade da consciência animal. E em outro instante, o sujeito criador é capaz de argumentar sobre a ausência do atributo da consciência nas ações caninas ordinárias. As afirmações acerca da capacidade canina da consciência, no contexto de seus motivos e sentimentos, são a mais pura expressão da “verdade” e da “realidade” das coisas. Tão infalivelmente verdadeira, inequívoca e indiscutível quanto à verdade da incapacidade do animal para entender, dita em outro momento. As explicações sobre o cão e sua psicologia têm seu estatuto de verdade nos contextos particulares em que são enunciados, na exigüidade dos pequenos tempos correspondentes, condicionado a um núcleo representacional e afetivo. As “verdades” emitidas podem contradizer-se quanto às descrições que produzem, sem, contudo, ferir a lógica da justificação que visa manter e realizar um tipo de situação cotidiana em conformidade com seu núcleo moral e afetivo.

Uma parte da teoria da personalidade⁵ canina firma-se na constatação das experiências caninas e de seus estados mentais circunscritas às circunstâncias humanas: “Ela [Nikita] só fica feliz se está perto de mim” (D. Márcia). A avaliação acerca do estado de felicidade de Nikita não leva em consideração as situações possíveis de vivências do animal longe de sua dona, mas conecta-se às oportunidades e situações de experiências delimitadas por Márcia, e feitas em sua companhia. Sobre a personalidade do animal, há somente um sujeito do conhecimento e produtor de um regime de verdade

⁵ Toda referência que se faz às noções de *ente canino e psicologia canina* pretendem indicar que estes sentimentos e atenções humanas fundam mesmo “a realidade do mundo canino”, de padrões de atitudes possíveis, de um substrato psicológico e dos direitos do animal com suas peculiaridades e conseqüências práticas na ordem das relações sociais, pelo campo representacional do sujeito criador.

suficiente: Márcia. Para além dos afetos, a dona torna-se autora capaz de designar as condições suficientes para o viver canino, na forma da individualidade de Nikita. Suas categorizações não são apenas descrições reveladoras da natureza animal encoberta, mas por meio da designação onipotente funda a própria realidade do que Nikita é.

O sujeito criador elabora uma tipologia do temperamento canino que se firma na busca da identificação de semelhanças entre os seres para enfatizar o que é demasiadamente humano no animal, pleno de positividade: “As pessoas falam (...) é um animal irracional, mas ele também não é tão diferente (...) assim do ser humano: eles ficam com raiva, magoados, tristes, têm sentimentos”. (D. Márcia)

A questão das condições adequadas ao bem-estar canino fica na dependência das capacidades caninas de desejar e realizar detectáveis da perspectiva do sujeito criador. Este defende a realidade das necessidades animais em termos objetivos e com a pretensão de espelhar a verdade universal do fenômeno. A irrefutável realidade dos sentimentos e necessidades de todos os entes caninos, no mundo inteiro e em todo tempo, cabe na potência prescritiva do ego do sujeito criador. A “teoria” não precisa se submeter a um debate público dos conceitos e provas e, intuitivamente, se tem a certeza de sua superioridade. A compreensão e a medida das necessidades caninas tornam-se palpáveis quando se estabelece a correspondência com o mundo humano. Aquilo que o animal é, ele só o pode ser por uma medida humana da realidade⁶.

O estatuto da personalidade canina, uma vez esboçado, opera de maneira a propiciar níveis de entendimento das cenas interativas do sujeito criador em relação ao cão, e estabelecem expectativas no padrão canino de ação para com o dono, segundo os objetivos adequados ao coração. Algumas descrições e caracterizações lembram a dinâmica dos relacionamentos entre tipos humanos próximos, com suas afinidades e desgastes, distanciamentos e as retomadas sucessivas: “A Digi já está bem velha, já está meio caducando, está meio histérica mais do que geralmente era. Mas a relação é boa, a gente briga de vez em quando porque faz besteira, mas adoro meus cães e se pudesse criava mais”. Os processos vitais da cachorra — a experiência física e psíquica da velhice, por exemplo, — ganham inteligibilidade em termos humanos no tempo e na

⁶ Para o sujeito criador, os gastos financeiros ordinários incluem as demandas caninas como “essencial”, como projeção de um empenho imprescindível, uma vez que o cãozinho é visto como tendo necessidades físicas, emocionais e direitos, e é elevado ao estatuto humano para gerar as dignidades correspondentes — saúde, lazer, felicidade, etc.

forma de um manifesto que é um balanço dos resultados e apreciações até o momento presente. Nas interações diárias, na ocorrência dos pequenos desajustes com que caracterizamos o outro, nas formas caricaturais que o fazem ser menos (“*ela está meio histórica!*”) temos as propriedades destacáveis que fundam os relacionamentos de grande importância.

Entre todos os entrevistados, as coisas que desagradam os sujeitos criadores são ações dos animais que, por mais que sejam normais a um cão, interferem na ordem dos acontecimentos humanos, como sujar o dono pela ação de pular sobre o mesmo, com as patas “sujas”, no momento em que se dirige ao trabalho. Essas ações caninas subsidiam capítulos da psicologia canina relativos aos *desajustes e desvios de conduta*. Mesmo a intenção de demonstrar carinho para com o dono, que em outro contexto é tão decisiva para a manutenção da prática de criação do cachorro, num outro instante, quando interfere na ordem dos acontecimentos desejados e planejados, é lançada no capítulo das disfunções, para as quais cabem ações corretivas. Assim, o ritmo fisiológico canino pode atrapalhar o ritmo cotidiano humano — e o dono no quarto na hora do descanso sofre o desconforto dos odores caninos. A inevitabilidade dos incursos fisiológicos e seus odores é retirado de uma ordem e grandeza estritamente orgânica e “natural” e transposto para a sensível região dos hábitos humanos e seus humores. Desde o início, o animal não está “livre” num regime político apropriado à realidade do mundo rigorosamente canino, mas prende-se aos interditos, proibições e aprovações humanas.

O agente criador analisa as variadas modalidades do estar junto que ocorrem a outros sujeitos humanos em relação ao cão e que soam como algo dissonante. O sujeito criador envolvido em seu julgamento do outro enxerga as fronteiras dos mundos humano e canino e os tipos de experiências permitidas. Geralmente, a fronteira dos mundos humano e canino sustenta-se na visão do outro nas situações reprovadas pelo sujeito criador, e é bem tipificada nas ações excêntricas dos outros aos animais de estimação. É o caso das colunáveis de Brasília e seu hábito de festejar aniversários de cães com grande festa e repercussão nos meios de comunicação da cidade. A prática é classificada como superficial em face aos grandes problemas do mundo. Ao mesmo tempo, é uma oportunidade para emergir um senso de solidariedade que deveria existir entre os homens. Aceitam que o cão mereça atenção e distinção, mas é a operação do ego do sujeito criador que pensa e rotula como “esquisitas” as práticas que não são as suas.

O conceito de excentricidade como traço desviante da conduta do outro nas atenções ao cão é enriquecido pelas leituras negativas que sujeito criador, analista dos desvarios do *outro* sujeito criador, faz dos usos de serviços prestados aos animais — como é o psicólogo de cães. O uso de determinados serviços parece a indicação das precariedades mentais dos donos, e não do animal. No modelo que organiza as necessidades biopsíquicas caninas, não se reconhece como verdadeiro o distúrbio psicológico tal como está subentendido, e, portanto, a ocasião para a busca de tal saída terapêutica. O que não é identificado como uma necessidade animal é celebrada, no sistema do sujeito criador analista do *outro* sujeito criador, como desatino humano.

III - AS “RAZÕES PARA SEGUIR ESTRATEGICAMENTE”

Na análise dos dados da pesquisa, um nível discursivo referente às conexões com o mundo exterior é profundo e marcante, de maneira que a prática das atenções ao animal de estimação conota uma atitude política ampla de grande significado. No agir cotidiano, o sujeito criador mostra uma compreensão da ordem do mundo e pode, com isso, designar seu lugar e projetos futuros de intervenção. Desse modo, torna-se possível e necessário articular as razões “escondidas” das “coisas do coração” com os discursos e práticas institucionais para além dos muros do “pequeno reino” referentes à justiça e às componentes egoísta e cooperativa da vida coletiva. Não existe uma natureza intrínseca da intimidade, com seus motivos e disposições para o agir segundo uma estrutura interna, separada de uma gama de outros motivos e disposições. Por isso, é necessário abordar a prática social da intimidade como constituída pelas experiências heterogêneas localizadas no conjunto da vida.

Com os meios materiais disponíveis, o sujeito criador, de forma ativa, produz uma realidade e sente seu poder de intervenção em seus efeitos, deparando-se com um mundo possível, que é seu mundo sensível. Este vê os homens interagindo no mundo público, com motivações geradoras de pouca solidariedade. A ação humana cooperativa só é factível no raio de sua ação e das soluções próximas. Vêm com pessimismo iniciativas de grande monta, como campanhas televisivas de grande alcance para todos os gostos. Concordam com o diagnóstico da ineficiência dos poderes públicos nos campos da segurança, educação e saúde, fazendo que não depositem maiores expectativas em soluções sistêmicas. Quanto aos agentes típicos inseridos na esfera pública, dos políticos e do fazer política, chega-se às evidências do desgoverno, e o

político é o agente ativo da dissimulação e engano. Nele estão combinados os poderes que engendram toda a má sorte do mundo.

Sob uma ótica eleitoral, mantém uma relação de afinidade direta com a pessoa do político e suas idéias, segundo suas preferências e conveniências. Todo o sentido associativo que a noção de partido político classicamente tem perde seu poder de atração e deixa de ser um meio eficiente para se alcançar fins desejáveis, ainda que a definição de partido político agregasse a efetiva busca de interesses pessoais, de benefícios e reconhecimento para alguns grupos especiais. O contexto de mudança institucional e toda riqueza argumentativa que legitima a criação de mecanismos concretos de reivindicação e participação do povo, onde o partido é visto como um instrumento de organização para a prática política ganha nas representações do sujeito criador a imagem de um organismo precário, ineficiente e no qual não quer tomar parte.

Os dados concretos referentes ao fenômeno da violência na cidade de Brasília e no lugar específico em que o sujeito criador mora não é de seu inteiro conhecimento. E, no entanto, está-lhe determinado como procederá em suas rotinas a partir de suas ansiedades. A instável esfera pública, feita num ambiente de agressão, torna possível ao indivíduo estabelecer, às áreas da quadra e do prédio residencial, os limites até onde pode transitar, e a portaria do prédio gera um senso de segurança, como fronteira última. No mundo público afora, uma marca de instabilidade e insegurança advém pelas situações vividas em que o outro freqüentemente se retrai, treinando o não ver, para não sentir e para não lembrar. O sujeito expectador da violência reúne ainda mais razões para também se retrair quando a roda viva da violência o encontrar na situação de objeto: “Foi no começo do ano. Um rapaz veio pra pegar a minha bolsa, e aí eu comecei a gritar e um monte de gente passando e ninguém fez nada” (D. Márcia).

Contrariando uma hipótese naturalmente confortável sobre o problema, o agente criador de cães não renunciou ao mundo social e à sua condição de agente transformador. Sua prática não é produto da vontade de reclusão, motivada por desesperança. A noção de solidão perde muito de sua força empática e explicativa quando posta de frente com a realidade deste campo de ação dos agentes sociais. Empiricamente, os agentes vivem em seus cotidianos e folgam nos encontros que se dão na esfera da intimidade. E, por mais que se possam identificar movimentos que denotam um agir circunspecto, em seus corações e em suas mentes estão empenhados em dar vida a seu modelo positivo dos homens agindo uns em relação aos outros. E isso pode

ser visto por sua concepção nuclear de ação política, não se esqueceu dos que batem à sua porta e nem dos problemas gerais de sua cidade. Mais do que identificar posturas unilaterais em tipos excêntricos que conotam uma relação de determinação das práticas do pequeno mundo sobre as públicas, na forma de uma renúncia de práticas típicas de uma esfera, fundando um agir cujas recompensas que o animam são aquelas circunscritas a um lugar, é forçoso ressaltar que os dois mundos produzem elementos que possibilitam aos indivíduos o empreendimento de um novo esforço de ressimbolização e novo processo cognitivo em relação aos objetos em suas necessidades e utilidades.

OS LIMITES OBJETIVOS À REALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO SOCIAL DA AMIZADE

A experiência social da amizade — seus limites e possibilidades — mostram-se de grande relevância para o entendimento das conexões que há entre o sentido das práticas dirigidas ao coração, e os sentidos atribuídos aos relacionamentos que ocorrem na esfera pública. E, se todas as grandes formas institucionais são vividas por meio das manifestações cotidianas, a instituição da amizade, ocorre tanto entre aqueles envolvidos em grandes tarefas coletivas de caráter instrumental, como entre aqueles voltados às experiências do mundo privado.

A teoria que os agentes elaboram acerca de seu círculo de sociabilidade guarda algumas tensões e imprecisões que mostram uma posição dúbia. Entre os colegas de trabalho, cabe o juízo corporativo que valoriza um atributo, o da boa índole. Mas sobre esses mesmos colegas de trabalho lembra: “*Estão bastante ocupados com seus negócios*”, diz-nos seu Édson e a amizade parece-lhe, nesse instante, uma experiência inalcançável.

A definição de amigo é: “*a pessoa com quem se pode contar a todo momento sem exceção*”, segundo Márcia. Aqui, a ausência é obstáculo à consecução de uma exigência fundamental à experiência da amizade, o “*estar junto a todo tempo*”. As disposições dos homens em seus acordos coletivos são insuficientes para dar vida aos objetos quase secretos e quase esquecidos, sobre os quais se erguem os sentimentos, as sensações e o fluir livre dos projetos humanos nesse tempo. Uma correnteza de vontades e ações ganha centralidade e deferência porque são postas como equivalentes — na situação de contraposição em que são apresentadas — a objetivos públicos funcionalmente

indispensáveis. A intensidade com que se ocupam dos negócios públicos gera uma outra reivindicação “... *falta tempo para se tomar um cafezinho ...*”. Essas insatisfações não induzem a uma situação de substituição ou inversão de uma prática pela outra. Reconhece-se a pertinência da ação econômica dos homens entre si, mas também que estes se reúnam para nada fazer, para o perderem-se nos pequenos rituais desse lugar em delícias.

A amizade e a figura operacional do amigo têm a função de gerar os confortos locais, de produzir permanências incontáveis de maneira que, num dado instante, o único objetivo palpável seja o falar, o ouvir, o esperar as coisas que já se sabe, as mesmas coisas e respostas a serem ditas. A função social da amizade guarda algumas incompatibilidades e dualidades com outras funções da vida coletiva. A amizade prevê que, num tempo recorrente, poderão ser realizados gastos de tempo e presenças humanas para as consolações do coração. São gastos incompatíveis com alguns projetos e práticas do agir coletivo, marcado por motivos de transformação do mundo de grandes proporções se contrapostos aos objetivos do ouvir e calar, do confiar e do se fazer confiar em meio aos segredos do coração. A experiência da amizade exige o descentrar-se do mundo que é si mesmo, num movimento de entrega, na forma de um desnudar-se na presença de outro e de este ser capaz de acolher em si tamanha experiência.

Pode-se detalhar a metodologia particular que faz o agir do amigo realizar a função social da amizade: *i*) é preciso parar numa faixa de tempo indeterminado, cujo término exato não se pode estabelecer; *ii*) o falar, o ouvir, o permanecer junto produzem a matéria indizível da confiança, que funda as condições para o estabelecimento de novos projetos de ação agora mergulhados numa cumplicidade cujos produtos não serão necessariamente objetos concretos, mudanças sensíveis nos cenários da vida social, mas a renovação para o sentido da ação numa dimensão paralela ao mundo das grandes intervenções.

IV - AS “RAZÕES FINAIS E VERDADES GERAIS ACERCA DA VIDA COLETIVA E SEU FUTURO”

A crise do mundo e os sintomas das patologias sociais são detectados e interpretados a partir do prisma moral do sujeito criador. Os fatos objetivos veiculados sobre numerosos tipos de violência — sexual, simbólica, contra o meio ambiente, etc. — são interpretados pela particular lente do sujeito criador. Torna-se visível que a categoria mundo para o sujeito criador realiza vários malabarismos explicativos,

guardando consigo uma abrangência tamanha que a tudo pretende alcançar, sendo, contudo alimentada por fragmentos de realidade, mais propriamente aqueles interessantes à sua teoria da ordem do mundo. Seus dilemas morais, por meio de uma industriosa operacionalização da categoria mundo, tornam-se, através de uma projeção inevitável, os grandes dilemas e problemas de todos os homens reais encarnados. E, do ângulo particular por onde ordenam toda a complexidade e diversidade da realidade, desprendem suas energias imaginativas para idealizar alguns traços essenciais para uma boa vida, com as soluções oportunas segundo as condições suficientes à obtenção dos resultados desejados. O centro organizador de todo o mundo encontra-se no lugar da casa e suas imediações.

O diagnóstico final da crise do mundo para o sujeito criador articula indicadores globais com aqueles indicadores mais locais, visíveis no raio imediato de sua vida, fazendo que o mundo e o campo de visão imediata se diluam em uma única e mesma coisa. E é assim que ganha contornos uma leitura fatalista do momento presente e do futuro do mundo.

Os fatos históricos mais distantes não estão fora do alcance de seu olhar em perspectiva e o que pode captar estabelece em seu imaginário os limites simbólicos, cognitivos, geográficos e materiais em que vive. Até esta fronteira seu pensamento transitará engendrando marcos fronteiriços para o pensar e o agir locais. Numa fração de tempo, uma visão do todo é composta tanto pela avaliação de um mundo inseguro, como pela validade do agir segundo as predileções do coração para com o cão no tempo e lugar estritos. O contraste entre espaço público e espaço privado é renovado por um enquadramento que toma, como limites daquilo que é pensado, uma crise na esfera pública em proporções que ultrapassam a idéia de *nação* brasileira, para alcançar uma identidade planetária.

V – CONCLUSÃO

Garber (2000) propõe que o cachorro ocupa um território emocional que não é aquele da criança, nem tampouco o do amante humano, e “o que atrai um apaixonado por cachorros não é a “caninice” de um cão (...) mas sim suas qualidades humanas — fidelidade, gratidão, incapacidade para a tapeação e o fingimento”. Os contatos humanos deixaram de ser a situação preferencial de amadurecimento humano e essa busca passou a ocorrer através da realidade canina do viver, operando-se um efeito

humanizador, uma experiência marcante do amor puro porque o animal ativaria o gatilho do amor e ampliaria, na personalidade humana, a preocupação com uma realidade além de si.

A pesquisa descrita nesse artigo não se restringiu à abordagem dos mecanismos psicológicos, e o uso do conceito de racionalização impediram que a interpretação produzisse um tipo estereotipado porque excêntrico. O projeto de agir com respeito ao cão mostrou-se um entre outros, numa hierarquia móvel pela riqueza de possibilidades de experimentação a que o sujeito se submete, sem que se restrinja ao campo do viver e de significados referidos à intimidade. O sujeito está inteiro recebendo e respondendo aos estímulos das grandes formas institucionais e de suas fórmulas de sociabilidade respectivas, nas migrações do micromundo para o macromundo.

Soa paradoxal a hipótese de que a experiência de amor profundo propiciado pelo cão no lar geraria os efeitos unilaterais da humanização através de um sentimento recuperado em uma experiência com um ente não humano. Também a pesquisa demonstra que são conjugados não somente o amor, mas outros estados mentais permeiam as relações humanas abrangentes. A experiência afetiva com os animais não é a manifestação do processo de uma humanização perdida e idealizada no quarto escuro da vida privada, e, todavia, é indicativa de um momento do entendimento e de perspectivas de ação do sujeito criador, fundando um quadro geral indeterminado.

Ao final da pesquisa entendo que cheguei ao campo dos fenômenos políticos de alguma maneira, quer dizer, pelo caminho que segui alcancei um outro ponto para enxergar uma lógica de constituição da vida política brasileira. Na prática social de criação de animais domésticos em Brasília posso ver uma ação que traduz não somente uma reorganização da vida privada, da esfera da intimidade, mas, sobretudo, uma reorganização do conjunto da vida, da articulação de pensamentos, sentimentos e ações em relação ao mundo ampliado e o reino do coração. As atitudes em relação ao cão e os posicionamentos na esfera pública acomodam um tipo humano único. Há nas atitudes dos homens para com o cão de estimação “*uma maneira de captar o mundo*”, onde se sedimentam identidades daquilo que somos, do que são os outros que estão ao nosso redor, de nosso lugar no conjunto e do que é esse lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLAH, Robert alii (1986) **Habits of the heart**. Nova York: Harper & Ron.

CASTORIADIS, Cornelius (1991) **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra.

CERTEAU, M (1994) **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes.

GARBER, Marjorie (2000) **Amor de Cão**. Um estudo das relações entre os homens e seus animais de estimação. Rio de Janeiro: Editora Record.

GIANNOTI, José Arthur (1993) “**Sobre a Amizade**”. *Discurso* (22), 183-195.

GIDDENS, Anthony (1989) **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes Editora.

GOFFMAN, Erving (1972) **Relations in Public**. New York: Harper & Row, Publishers, Inc..

LÉVI-STRAUSS, Claude (1967) **Antropologia Estrutural I**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.

LIMA, João Vicente R. B. C. (2002) **Novas Formas Relacionais, Valores Ambientais e Reestruturação do Conjunto da Vida: os indivíduos e seus bichos na cidade de Brasília**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará.

MAFESSOLI, Michel (1987) **O Tempo das Tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

MOSCOVICI, Serge (1993) **La Era de Las Multitudes**. Um Tratado histórico de psicologia de las masas. México: Fondo de Cultura Económica.

RIESMAN, David (1971) **A Multidão Solitária**. São Paulo: Editora Perspectiva.

SCHUTZ, Alfred (1979) **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SENNETT, R (1988) **O Declínio do Homem Público**. As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras.

THOMAS, Elizabeth (1993) **The Hidden Life of Dogs**. Boston: Houghton Mifflin.